

# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



### Organização



### Apoio



## **42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)**

**PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*)** – Walter Zanini

### **DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)**

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)  
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

### **DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)  
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)  
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)  
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)  
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

### **COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)  
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)  
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)  
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)  
Rita Lages (UFMG/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022**

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)  
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)  
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)  
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA**

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)  
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

**IMAGEM:** Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

**DIAGRAMAÇÃO:** Thaís Franco

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: [cbha.secretaria@gmail.com](mailto:cbha.secretaria@gmail.com)

## Apresentação da Sessão 3

Camila Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)

Tamara Quírico (UERJ/CBHA)

O colonialismo – compreendido, grosso modo, como uma forma de dominação de uma nação sobre outros povos, por meios territoriais, culturais e econômicos – teve efeitos destrutivos ao longo da história, tanto no passado como na atualidade, ao colocar em prática mecanismos de opressão que se associam usualmente a ele: o racismo e o terror, o primeiro utilizado para estabelecer a subumanidade do colonizado, e que, por isso, pode (e deve) ser subjugado, o segundo para reprimir e conseguir a submissão.

Ao mesmo tempo, sabemos que em raras ocasiões isso ocorreu sem percalços; assim, reações de populações autóctones face aos processos de colonização trouxeram igualmente resistência e adaptações nas mais diversas instâncias sociais. Essa complexa relação se evidencia em muitas representações visuais, executadas tanto por conquistados como por conquistadores. Desse modo, produções visuais realizadas pelos colonizadores sobre os territórios colonizados difundiram, com frequência, estereótipos que definiram seus habitantes originais como “bárbaros”, “apáticos” e “sensuais”, dentre outros, e contribuíram para justificar e consolidar a ideia do colonialismo “civilizador” das grandes potências europeias. É o que afirmam estudiosos como Edward Saïd e Linda Nochlin, que em seus escritos destacam a ligação entre poder e representação em cenários coloniais e pós-coloniais. Para os autores, a arte realizada nesses contextos coloniais, embora tão agradável aos olhos, mascarava relações colonizador-colonizado balizadas na opressão e no racismo, e funcionou como parte essencial de um projeto político-cultural do colonialismo e do imperialismo, contribuindo para a construção e perpetuação da polarização entre dominadores e dominados.

Devemos analisar, por outro lado, como sugerem Fernando Ortiz ou Ramón Gutiérrez, igualmente objetos e imagens produzidos pelos colonizados. Estas representações, se por um longo período foram consideradas contaminadas pela produção local, sendo, portanto, inferiores aos mais “elevados” cânones europeus, atualmente devem ser estudadas a partir de um ponto de vista que sopesa a autonomia dos povos autóctones, que buscavam resistir à imposição de uma cultura que lhes era estranha, por meio do que denominamos hibridização cultural ou transculturação. Não se tratava somente de miscigenação, mas de resistência consciente – um processo que, por vezes, se desdobra

ainda na contemporaneidade através, por exemplo, da derrubada de monumentos que remetem ao colonialismo.

A sessão temática partiu da compreensão de que a vasta e diversificada produção artística realizada pelos dois atores do drama colonial, conquistadores e conquistados, deve ser vista como reveladora das dinâmicas de poder e dos problemas sociais e morais inerentes ao Imperialismo e ao colonialismo. Foram muito bem-vindas, assim, propostas que trataram de temas relacionados de forma ampla às questões coloniais e decoloniais, em quaisquer contextos espaço-temporais.

Conforme as coordenadoras da sessão esperavam, houve trabalhos propostos e selecionados voltados para a arte realizada por artistas afrodescendentes. Na perspectiva dos autores, esses artistas contestam, por meio de suas obras, a ideia popular, difundida pelo Estado Novo, de uma igualdade racial no Brasil. Trabalhos como *ESPELHO: UMA PROPOSIÇÃO AO OLHAR ATRAVÉS DAS FOTOGRAFIAS DE JANUÁRIO GARCIA*, de Roberta Paula Ferreira Aleixo, *MARCELA BONFIM: A FOTOGRAFIA AMAZÔNICA*, de Cristina Pierre de França, *CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: UM CONCEITO DE NAÇÃO CONJUGADO NO FEMININO*, de Madalena de Fatima Zaccara Pekala, e *ANTONIO OBÁ E A SESTA EM DOIS TEMPOS*, de Leonardo Alves Sá. Tais pesquisas nos mostraram que são muitos os artistas que constantemente denunciam o racismo sobre os corpos negros, preconceito que perdura no Brasil desde os tempos da Colônia. Os trabalhos igualmente propuseram indagações sobre o que é ser negro no Brasil atual, no qual, graças a “Propaganda da Igualdade Racial” proposta pelo Governo Vargas, tantas pessoas acreditam que não existe, de fato, um racismo estrutural no Brasil.

Igualmente significativos nesse sentido foram os trabalhos que se voltaram para a temática da arte indígena brasileira. Foi o caso de *OS MUITOS SILENCIADOS: VIOLÊNCIA E APAGAMENTOS INDÍGENAS NA ARTE VISUAL PARAENSE*, de Ademilton Azevedo de Arruda Júnior, em que a representação do indígena é analisada a partir de obras produzidas no início do século XX e na arte contemporânea, discutindo também os apagamentos da cultura indígena dentro do processo de violência estrutural que se estabeleceu desde 1500.

A sessão contou também com propostas que discutiram os conceitos de colonialidade e decolonialidade a partir de contextos espaço-temporais bastante diversos. Trabalhos como *A CRÍTICA DECOLONIAL NO ESTUDO DA ANTIGUIDADE ROMANA: A ARTE DOS SUBALTERNIZADOS*, de Jaqueline Souza Veloso, que aplicou a crítica decolonial à arte produzida durante os três primeiros séculos do império romano, questionando as tradicionais noções de elite e subalternos. *RESISTÊNCIA E MATERIALIDADE: A COMPLEXIDADE DOS OBJETOS ASIÁTICOS, SÉCULOS XVI-XVIII*, de Flavia Galli

Tatsch, que problematizou as classificações tradicionais que a história da arte deu a objetos produzidos na Índia, na China e nas Filipinas, uma vez que refletem os padrões tradicionais de colonialismo.

Se tivermos muitos trabalhos que analisaram obras produzidas pelos “colonizados”, indígenas e afrodescendentes, compreendidas como formas conscientes de resistência, poucos foram os trabalhos que mostraram o “outro lado da moeda”, ou seja, produções realizadas com o intuito de fazer perdurar uma compreensão discriminatória de antigas colônias. Essa foi a proposta do trabalho ROMANTIZAÇÕES DO COLONIALISMO – DO ORIENTALISMO OITOCENTISTA A BEECHAM HOUSE, apresentado pela coordenadora Camila Dazzi, que tratou de produções saudosistas do antigo Império Britânico, como séries de TV. Angela Brandão, em OS CINCO SENTIDOS E AS CONTRADIÇÕES DO ROCOCÓ COLONIAL, analisou o tema dos cinco sentidos em diversos contextos do Brasil Colônia, discutindo o trânsito dessa iconografia. EXISTE UM BARROCO DECOLONIAL? VIOLÊNCIA, GENOCÍDIO E ESTÉTICA. ALGUMAS REFLEXÕES, de Jens Baumgarten, buscou contribuir na desconstrução do tradicional modelo de “centro e periferia”.

Bastante singular foi o trabalho DRAG QUEEN OU TRANSFORMISTA? A ARTE LGBT DECOLONIAL, apresentado por Manoel Flavio Cheles da Silva, que discute a inserção do termo *drag* dentro de uma dinâmica capitalista que tenta definir o que pode ou não ser considerado arte LGBT. NARRATIVAS DE SI - NA HISTÓRIA DA ARTE, de Fabiana Ferreira de Alcântara, analisa o conceito de “outro” e de “autorrepresentação” a partir do pensamento decolonial. Por fim, Ana de Gusmão Mannarino discute, em seu trabalho ENTRE IMAGEM E DISCURSO: OBRAS QUE REVISAM A HISTÓRIA DA ARTE E O ESPAÇO POTENCIAL DO TRAUMA, obras de artistas brasileiros afetadas por arquétipos da história da arte no Brasil consideradas emblemáticas para a consolidação de narrativas legitimadoras das relações de dominação estabelecidas.

Nós, como coordenadoras dessa sessão, esperamos que o leitor consiga, a partir da leitura dos textos, refletir sobre os processos de violência, apagamento e resistência que encontramos nas relações entre colonizadores e colonizados, compreendidos de forma ampla, e que não se encerraram com o pós-colonialismo.

#### Como citar:

DAZZI, Camila; QUIRICO, Tamara. Colonialismos e resistências. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 501-503, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.  
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.ap3>  
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>